

Panium - Número Cinco

Os Salteadores do Teu Povo: A Exaltação e a Queda de Roma na Profecia

Jeff Pippenger

2025-03-05

O livro de Daniel desdobra uma notável narrativa profética, entretecendo um princípio de repetição e ampliação que perpassa suas visões, desde a estátua metálica do capítulo 2 até os intrincados conflitos entre reis do capítulo 11. Nesse contexto, surge um argumento convincente: a Batalha de Ácio em 31 a.C., culminando na queda do Egito em 30 a.C., constitui um cumprimento decisivo de Daniel 11:25, 26, marcando o início da supremacia de 360 anos da Roma pagã.

Daniel 11 começa com a ascensão e queda de impérios após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C. No entanto, no versículo 14, ocorre uma mudança. Por volta de 200 a.C., enquanto Antíoco III (Magno) se preparava para a Batalha de Panium contra o rei-menino Ptolemeu V, Roma interveio, não como mera espectadora, mas como os 'salteadores do teu povo'. Preocupada em assegurar o abastecimento de trigo do Egito em meio à turbulência helenística, Roma exerceu sua influência durante a Segunda Guerra Macedônica (200-197 a.C.), preparando o terreno para seu papel profético.

O domínio de Roma sobre os judeus

Avançando para 63 a.C., o versículo 16 encontra cumprimento quando Pompeu toma Jerusalém de assalto, entrando no Santo dos Santos e impondo o domínio romano sobre a "terra gloriosa". A partir daqui, os versículos 17 a 22 traçam uma sucessão de figuras romanas: as campanhas orientais de Pompeu, as conquistas de Júlio César e seu assassinato em 44 a.C., o reinado de César Augusto, marcado pela arrecadação de impostos (mencionado em Lucas 2:1), que terminou em 14 d.C., e Tibério supervisionando a crucificação de Cristo no ano 31 d.C., quando o "príncipe da aliança" foi quebrado. A linha profética de Pompeu em Jerusalém até Tito em Jerusalém, no ano 70 d.C., estabelece a linha do domínio de Roma sobre o povo de Deus.

Começando com um general romano profanando o templo e terminando quando um general romano destruiu o templo, obtém-se a assinatura de Alfa e Ômega. Começando com profanação e terminando com destruição, a linha histórica também contém a profanação e a destruição d'Aquele que disse de Si mesmo: "Destruí este templo, e em três dias o levantarei." A verdade é composta pelas letras primeira, décima terceira e última do alfabeto hebraico, e a linha que começa com Pompeu e termina com Tito inclui uma destruição intermediária do templo, representada pela cruz do meio entre três cruces, que foram erguidas exatamente no meio da semana em que Cristo veio confirmar a aliança. Os versículos dezesseis a vinte e dois representam uma linha profética que traz a assinatura da verdade. Há um punhado de linhas proféticas importantes dentro da história representada pelos versículos, mas o tema principal da linha é o domínio de Roma sobre os judeus.

Ligas e Tratados

O versículo 23 "repete e amplia" ao retornar a 161–158 a.C., quando os judeus, sob Judas Macabeu, firmaram uma aliança com Roma (1 Macabeus 8). Isso evidencia a estratégia singular de construção de império de Roma — conquista por meio de tratados e alianças, um método distinto de seus antecessores. O versículo 24 conclui essa fase, observando que Roma "traçaria os seus desígnios a partir das fortalezas, por um tempo."

E, depois de feita aliança com ele, agirá com engano; pois subirá e se fortalecerá com pouca gente. Entrará pacificamente até nos lugares mais férteis da província; e fará o que seus pais não fizeram, nem os pais de seus pais; repartirá entre eles a presa, o despojo e as riquezas; sim, intenciona os seus planos contra as fortalezas, por certo tempo. Daniel 11:23, 24.

Por um tempo

A palavra traduzida "contra" pode ser entendida como a palavra "de". Roma traça seus planos "de". A palavra "de" no versículo aponta para a cidade de Roma, o coração político e militar do império, como a base de suas estratégias. O "tempo" é, profeticamente, de 360 anos, começando quando o Egito cai em 30 a.C., após Ácio, e terminando no ano 330, quando Constantino abandona Roma por Constantinopla.

Os versos 25 e 26 se concentram no próprio Ácio.

E ele despertará o seu poder e a sua coragem contra o rei do sul com um grande exército; e o rei do sul se levantará para a batalha com um exército muito grande e poderoso; mas não resistirá, pois maquinarão contra ele. Sim, os que comem da porção de sua comida o destruirão, e o seu exército transbordará; e muitos cairão mortos. Daniel 11:25, 26.

Em 31 a.C., Otaviano, representando Roma como o "rei do norte", mobilizou suas forças contra o Egito de Cleópatra, o "rei do sul", em uma batalha naval monumental. O "exército muito grande e poderoso" de Antônio e Cleópatra vacilou, arruinado por "estratagemas" estratégicos (as táticas de Agripa) e por traições — deserções dos aliados de Antônio e a retirada de Cleópatra no meio da batalha. Em 30 a.C., o Egito era uma província romana, inaugurando o domínio incontestado da Roma pagã. Esse período de 360 anos, de 30 a.C. a 330, corresponde à supremacia de Roma centrada em seu reduto original, até que a mudança de Constantino "derrubou" o reduto, como Daniel 8:11 prediz.

Sim, ele se exaltou até o príncipe do exército, e por ele o sacrifício diário foi retirado, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra. Daniel 8:11.

Quando Constantino abandonou a cidade de Roma em favor da cidade de Constantinopla, deixou um vácuo de poder na cidade de Roma, abrindo espaço para que a igreja papal ocupasse a sede de autoridade que a cidade de Roma representava. Esse ato cumpriu o versículo dois de Apocalipse treze.

E a besta que vi era semelhante a um leopardo, e os seus pés eram como os de um urso, e a sua boca como a de um leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, o seu trono e grande autoridade. Apocalipse 13:2.

Em Daniel 8, duas palavras hebraicas diferentes, ambas traduzidas como "santuário", distinguem a história do santuário no livro de Daniel. O livro de Daniel apresenta uma guerra entre Cristo e Satanás, ilustrada nos representantes terrenos de Cristo e de Satanás. Babilônia, o representante terreno de Cristo, conquista Jerusalém no início do livro de Daniel, e Jerusalém conquista Babilônia no versículo quarenta e cinco do capítulo onze. Os reinos representados pela cidade de Jerusalém e pela cidade de Babilônia são "santuários de fortaleza". As cidades de Babilônia e Jerusalém são ambas santuários de fortaleza, e cada uma tem seu próprio templo dentro da cidade. O templo do Panteão fica na cidade de Roma, e o templo em Jerusalém é a contraparte na narrativa profética. Babilônia e a cidade de Roma são imitações de Jerusalém.

Em Daniel 8, as duas palavras hebraicas são "miqdash" no versículo 11, onde o chifre pequeno (Roma pagã) lança por terra o "lugar do seu santuário" (a cidade de Roma), quando Constantino se muda em 330. A outra palavra é "qodesh" nos versículos 13 e 14, onde o santuário de Deus aguarda a purificação após 2300 dias. Embora ambas as palavras sejam traduzidas como "santuário", "miqdash" pode representar tanto a fortaleza de Deus quanto uma fortaleza pagã, ao passo que "qodesh" é usado na Bíblia apenas para representar o santuário de Deus.

Em Daniel 11:31, o "santuário da fortaleza" (a cidade de Roma) é profanado, quando os Bárbaros e os Vândalos levam a guerra à cidade de Roma. As "forças" mencionadas no versículo começaram com Clóvis em 496 e continuaram até que a Roma papal estivesse em plena ascendência em 538, quando os Ostrogodos foram expulsos da cidade.

A linha profética a partir de Ácio estende-se além de 330. Os "navios de Quitim" do versículo 30 identificam os Vândalos sob o comando de Genserico, que saquearam Roma em 455, sinalizando o colapso do Império Romano do Ocidente. A Roma papal então se ergue, governando de 538 até 1798; por 1260 anos, até que o general de Napoleão, Berthier, desferiu a "ferida mortal" ao capturar Pio VI. Os 360 anos da Roma pagã, de 30 a.C. a 330, refletem os 1260 anos da Roma papal, cada um começando quando um terceiro obstáculo (Egito, Ostrogodos) cai.

O moderno "rei do norte" surge no versículo 40. Em 1989, o papado, aliado secretamente aos EUA de Reagan (simbolizados por carros de guerra, navios e cavaleiros), derruba a URSS, o "rei do sul" (ateísmo/comunismo). O versículo 41 identifica o papado conquistando a "terra gloriosa" - transformando os EUA protestantes nos EUA católicos - enquanto os versículos 42 e 43 identificam as Nações Unidas representadas pelo Egito cedendo a uma tríplice união constituída pelas Nações Unidas (o dragão), o Vaticano (a besta) e os EUA (o falso profeta), conduzindo o mundo ao Armagedom. O versículo 45 prediz o fim desse poder, "sem que haja quem o ajude", sua ferida curada no versículo quarenta e um, mas seu destino selado pelo versículo quarenta e cinco.

Ácio, em 31 a.C., é o foco dos versos 25 e 26, inaugurando o reinado de 360 anos de Roma a partir de seu santuário-fortaleza. Tendo o verso catorze como ressalva, a história da Roma pagã, do verso dezesseis até a transição para a Roma papal no verso trinta e um, é a linha completa da Roma pagã. Essa linha divide-se em três partes. O trecho do verso dezesseis ao vinte e dois é a linha do domínio de Roma sobre o antigo Israel. Os versos vinte e três e vinte e quatro identificam aquele trabalho de construção de império que Roma empregou ao conquistar por meio de alianças e

tratados em conjunto com o poder militar. O trecho do verso vinte e quatro até a última expressão no verso trinta e um é uma linha em duas partes que representa um período em que Roma se exaltou, seguido de uma queda.

O "tempo determinado" é a conclusão dos 360 anos no ano 330. Os versículos vinte e sete até a última frase do versículo trinta e um, sendo que a última frase identifica quando o poder papal, representado como a abominação desoladora, foi colocado no trono em 538, constituem a história da Roma pagã no contexto do período de trezentos e sessenta anos de domínio supremo, ao qual se seguem duzentos e oito anos de queda progressiva.

Portanto, o "tempo" do versículo vinte e quatro começa em 31 a.C., com a incorporação do rei do sul ao domínio do rei do norte, e termina em 330 com uma divisão do reino do rei do norte em Oriente e Ocidente. De 330 até 538, a Roma pagã se desintegra progressivamente. As diversas identificações proféticas associadas às várias etapas do declínio da Roma pagã são as âncoras proféticas que permitem ao estudioso da profecia reconhecer a Palavra profética de Deus. Em cumprimento do versículo catorze de Daniel onze, Roma estabelece a visão, e uma das maneiras pelas quais faz exatamente isso é por meio de sua queda. O versículo afirma: "também os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão."

Quando Roma é atacada pelos navios de Chittim e, em seguida, ataca o sul, não foi como o anterior nem como o posterior, pois daqui em diante está sendo retratada a queda do poder romano. As primeiras quatro das sete trombetas do Apocalipse, encontradas no capítulo oito, descrevem especificamente os quatro grandes poderes que, por fim, levaram a Roma Ocidental ao seu desfecho em 476. A visão é estabelecida quando os salteadores do teu povo se exaltam e caem. A visão profética é ilustrada sobre o arcabouço da queda de Roma. A Roma Ocidental pagã caiu de 330 até 538. A Roma papal caiu em 1798. Na história da quinta e da sexta trombeta, a Roma Oriental caiu nas mãos dos turcos otomanos em 1453. Essas três quedas fazem parte da visão que é estabelecida pelos salteadores do teu povo.

O versículo afirma: "também os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão." De 31 a.C. a 330, a Roma pagã "se exaltou" em sua supremacia sobre o mundo. De 330 a 538, a Roma pagã caiu para preparar o caminho para que o homem do pecado se assentasse no templo de Deus, proclamando-se Deus. De 538 até 1798, o poder papal "se exaltou", e, em 1798, caiu. De 31 a.C. a 330, a Roma Ocidental "exaltou" ser o centro do Império Romano, e de 330 até 476 ela caiu. Em 330, Constantino exaltou Constantinopla como o centro da Roma Oriental e, em 1453, a Roma Oriental caiu. Os períodos das várias representações de Roma cada um possuem uma fase em que Roma se exalta, seguida por uma fase que ilustra sua queda, pois "os salteadores do teu povo se exaltarão para estabelecer a visão; mas cairão."

A palavra hebraica traduzida como "ladrões" é melhor traduzida como "rompedores", pois está mais alinhada ao sentido primário da raiz — romper ou perturbar — do que estritamente "ladrões" (o que implica furto). O termo sugere aqueles que rompem limites, leis ou alianças, não apenas roubam bens. Roma é o rompedor na profecia bíblica, embora seja traduzida como "ladrões" no versículo catorze. No capítulo dois de Daniel, Roma é o reino de ferro, e no capítulo sete a quarta

besta também é Roma.

Depois disso, vi nas visões da noite, e eis um quarto animal, terrível e espantoso, e extremamente forte; e tinha grandes dentes de ferro; devorava e despedaçava, e pisava com os seus pés o que restava; e era diferente de todos os animais que vieram antes dele; e tinha dez chifres. Daniel 7:7.

A quarta besta — que é Roma — tem dentes de "ferro", pois é o mesmo quarto reino representado como ferro no capítulo dois. No versículo sete, a quarta besta de Roma "quebra em pedaços" e, quando ela quebra em pedaços, "pisou o resto com os seus pés". A besta de Roma é o reino de ferro, e a característica de quebrar em pedaços e pisar o resto representa o ato de perseguição. A perseguição imposta ao Israel antigo foi um "sinal".

Além disso, todas estas maldições virão sobre ti, perseguir-te-ão e alcançar-te-ão, até que sejas destruído; porque não deste ouvidos à voz do Senhor, teu Deus, para guardares os seus mandamentos e os seus estatutos, que ele te ordenou: E serão sobre ti por sinal e por prodígio, e sobre a tua descendência para sempre. Porque não serviste ao Senhor, teu Deus, com alegria e com júbilo de coração, na abundância de todas as coisas; portanto servirás aos teus inimigos que o Senhor enviará contra ti, com fome, com sede, com nudez e com falta de todas as coisas; e ele porá um jugo de ferro sobre o teu pescoço, até que te tenha destruído. O Senhor trará contra ti uma nação de longe, dos confins da terra, veloz como voa a águia; uma nação cuja língua não entenderás; uma nação de semblante feroz, que não respeitará a pessoa do velho, nem mostrará favor ao moço. Deuteronômio 28:45-50.

As maldições sobre o Israel antigo, trazidas pela sua rebelião, são “por sinal e por prodígio, e sobre a tua descendência para sempre”. A maldição seria trazida sobre eles por meio de “uma nação de rosto feroz”. A besta de dentes de ferro que “quebra em pedaços e pisa o restante”, no capítulo sete, é também o quarto reino que procede da divisão do reino de Alexandre e, como em Deuteronômio com Moisés, esse reino é uma nação cuja língua o Israel antigo não compreenderia. O reino de Roma em Daniel capítulo oito é uma nação de rosto feroz e uma nação que fala outra língua.

Ora, sendo ele quebrado, e, tendo-se levantado quatro em seu lugar, quatro reinos se levantarão dessa nação, mas não com o seu poder. E, no fim do reino deles, quando os transgressores tiverem chegado ao auge, levantar-se-á um rei de rosto feroz, entendido em sentenças obscuras. Daniel 8:22, 23.

Os "ladrões (destruidores) do teu povo" estabelecem a visão, exaltam-se e caem. O quarto reino de ferro era a Roma pagã, que governou de modo supremo ao exaltar-se, mas cuja queda final se tornou uma característica profética que estabelece a visão. Eles são destruidores, pois pisoteiam o povo de Deus por meio da perseguição.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.